

O SIGNIFICADO DE *SUNGRAMMA*
NA INTERPRETAÇÃO
DA ESCOLA PLATÔNICA DE TÜBINGEN*

Marcelo Perine
PUC-SP / CNPq

Alguns intérpretes da filosofia platônica sustentaram que *suvgramma*, no contexto da crítica ao escrito da *Carta VII* (340 B 1 – 345 C 2) e do *Fedro* (274 B 6 - 278 E 3), designa um tipo específico de escrito: o tratado completo ou o compêndio sistemático. Esta interpretação permite concluir que Platão teria exposto a totalidade de seu pensamento na forma do diálogo literário. Esta posição foi contestada pelos representantes da Escola de Tübingen, para os quais a palavra designa a prosa literária em sentido geral, distinta da poesia. Esta tese permite sustentar que a crítica da *Carta VII* e também do *Fedro* às obras literárias estende-se a todo tipo de escrito e que a fragilidade do escrito apontada por Platão pode ser aplicada aos seus próprios diálogos.

* O presente trabalho foi apresentado ao modo de comunicação no XI Encontro Nacional de Filosofia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), em São Paulo, no dia 2 de outubro de 2002.

1. O termo, o campo semântico e as ocorrências em Platão

No *Vocabolario della lingua greca* de Franco Montanari¹ *suvggramma* (-atoj, тов) é traduzido, em sentido mais geral, por *escrito* e, por extensão, também por *obra*, *composição*, *livro*, como se le em *Górgias* 462 B e *Teeteto* 166 C. Em sentido especial traduz-se por *escrito em prosa* ou *tratado*, conforme se le em *Leis* 810 B e *Carta VII* 341 C. Em sentido jurídico é traduzido por *estatuto*, *ordenamento escrito*, como lemos em *Político* 299 D e em *Fedro* 258 D. No mesmo campo semântico encontra-se *suggrafeuvj* (-evwj, oJ), *escritor*, *autor*, conforme *Fedro* 272 B; *escritor de prosa*, como em *Fedro* 235 C, e também *suggraphv* (-Áj, hJ), que em sentido jurídico significa *convenção escrita*, *pacto*, *norma*, como em *Leis* 953 E. Nessa área semântica também está o advérbio *suggrafikovj*, *como num escrito*, tal como se le em *Fédon* 102 D, e o verbo *suggravfw*, que na voz ativa significa *redigir*, *compor* alguma obra, como se le em *Górgias* 518 B; *compor obras* que aconselham como viver, tal como aparece em *Leis* 858 C, ou, ainda, *escrever em prosa*, como em *Banquete* 177 B. Na voz média significa *escrever*, *por por escrito*, *compor* discursos, como em *Eutidemo* 272 A, de onde oij suggrafovmenoí designa os que apresentam propostas de leis, como em *Górgias* 451 B. Na voz passiva, significa *ser composto de discurso*, como em *Fedro* 258 A.

Os sentidos de *suvggramma* e cognatos no *Dictionnaire grec francais* de Bailly² coincidem, fundamentalmente, com os apontados no *Vocabolario* de Montanari, enquanto o *Greek-English Lexicon* de Liddell-Scott³ tem a peculiaridade de traduzir *suvggramma* também por *obra sistemática*. Como veremos em seguida, este é o sentido mais problemático, contra o qual se levanta a interpretação da Escola Platônica de Tübingen.

2. A posição de Thomas A. Szlezak

Segundo Thomas A. Szlezák⁴, a interpretação de *suvggramma* como “escrito sistemático doutrinário” ou como “obra sistemática”⁵ é errada porque o *sun-* de *sug-grafein* (*con-scribere*, *com-por* por escrito) não pode ser inter-

¹ F. MONTANARI, *Vocabolario della lingua greca*, Con la collaborazione di Ivan Garofalo e Daniela Manetti, Turim, Loescher, 2001.

² A. BAILLY, *Dictionnaire grec francais*, Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine, Paris, Hachette, 261963.

³ H. G. LIDDEL – R. SCOTT, *A Greek-English Lexicon*, Oxford, Oxford University Press, 1996.

⁴ T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*, Introduzione e traduzione di G. Reale. Milano, Vita e Pensiero, 31992, Appendice II, 463-471.

⁵ Cf. voz *suvggramma*, in H. G. LIDDEL – R. SCOTT, *A Greek-English Lexicon*.

pretado no sentido de compor segundo precisos aspectos e segundo um específico ponto de vista, o que daria ao escrito composto um caráter sistemático. No grego, a componente *sun-* em palavras como *suggravfw*, *suggrafeuvvj*, *suggraphv* e *suvvggramma* indica todo tipo de composição escrita, sem referência a sua organização intrínseca, uma vez que o uso corrente destes termos não implica os dois traços característicos da composição de caráter sistemático, isto é, a *completude* e a *ordenação* segundo um ponto de vista central. Ademais, o fato de *suvvggramma*, no momento em que começaram a surgir escritos em prosa, nunca ser aplicado para designar o “poetar”, o “poeta” e a “poesia” explica-se pela existência anterior de termos específicos naquele campo semântico e não pela intrínseca estrutura diferente das obras poéticas.

Os textos que comprovam o sentido de *suvvggramma* com o sentido geral de “escrito em prosa”, por oposição tanto a “obra em versos” (*poivhma*) quanto ao “comentário” (*uJpovmnhma*) são os seguintes: de Platão, *Lisis* 204 D 4 e 205 A 5; *Leis* 810 B 5-7 e 858 C 10 - D 3, e, também o pseudo-platônico *Minos* 316 D 9 - E 4. Há ainda um texto de *Isócrates*, II, 7 e um de *Galeno*, XVI, 532 Kühn. Além disso, os diálogos de Platão são claramente designados como *suggravmmata* tanto na apócrifa *Carta II*, 314 C 1-4, quanto por Isócrates (X, 9-11), Diógenes Laércio (III, 37), Temístio (*Oratio* XXIII, p. 356 Dindorf), Proclo (*In Platonis Alcibiadem*, p. 308, 24 e 33 Cousin [p. Westerink]), Marcelino (*Vita Thucydidis*, 41) e Filo de Alexandria (*De aeternitate mundi*, 15).

Ademais, um levantamento das ocorrências de *suvvggramma* e de termos conexos, de Heráclito a Aristóteles, passando por Heródoto, Hipócrates, Diógenes de Apolônia, Hípias de Élis, Tucídides, Isócrates, Alcidas, Xenofonte e o próprio Platão⁶, atestam que *Suggravfein* e *suggraphv* não comportam [...] de nenhum modo a representação de uma completude sistemática, e não levam absolutamente a pensar primariamente em escritos doutrinários⁷, uma vez que sob esses conceitos cabem tanto coletâneas de oráculos, de sentenças, cartas, escritos políticos, discursos de todo tipo, obras de sofistas e de filósofos, assim como decretos, obras legislativas e até mesmo literatura especializada.

O uso que Platão faz de *suvvggramma* corresponderia, portanto, ao seu significado mais amplo e mais comum no grego do seu tempo. Assim, quando Platão, na *Carta VII* (341 C), diz que sobre certas coisas não há nem haverá um *suvvggramma* seu, ou ainda, na mesma *Carta VII* (344 C), quando afirma que os *suggravmmata* de qualquer autor sério, sejam eles leis ou escritos de outro gênero, não traduzem as coisas mais sérias para esse autor, ele esta-

⁶ Ver a transcrição dos textos em T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia*, 467-469.

⁷ Cf. T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia*, 470.

ria, no primeiro caso, referindo-se a toda a sua obra escrita e, no segundo caso, afirmando que o filósofo, portanto, ele mesmo, não compõe escritos sobre as coisas que considera de maior valor.

3. A relação com a crítica da escritura no Fedro

O minucioso cuidado na análise de um termo aparentemente inocente explica-se, antes de tudo, pelo lugar que assumem na interpretação da Escola Platônica de Tübingen os chamados “auto-testemunhos” de Platão relativos à autonomia dos escritos. Como sabemos, os textos basilares são, justamente, o chamado “excurso” da *Carta VII*, no qual Platão apresenta alguns aprofundamentos e implicações gnosiológicas da crítica da escrita (340 B 1 – 345 C 2), já contidos na crítica anterior amplamente desenvolvida no final do *Fedro* (274 B 6 - 278 E 3)⁸.

Em seguida, explica-se também pela importância singular desses dois textos no âmbito da polêmica da Escola Platônica de Tübingen com a moderna teoria da forma do diálogo, formulada na famosa *Introdução* da tradução alemã da obra platônica feita por Schleiermacher⁹. Nessa edição, assume prioridade o texto dos diálogos, considerados como unidade indissolúvel de forma e conteúdo. Aqui, a forma do diálogo foi valorizada ao mesmo nível do seu conteúdo, levando a uma compreensão da obra de Platão como uma indissociável *síntese de forma e conteúdo* e expressão por excelência da *comunicação filosófica*. Além da unidade de forma e conteúdo, a interpretação de Schleiermacher afirma a unidade doutrinal subjacente aos diálogos platônicos, que permite reconstruir o plano de cada um, bem como o plano geral que liga todos eles num sistema. Com isso fica afirmado o valor autônomo dos diálogos, capazes de conter todo o pensamento de Platão. A consequência direta desta posição é a perda de autoridade da chamada *tradição indireta* do platonismo, sobre a qual se apóia em grande parte a interpretação tuinguense.

Não é possível discutir nessa sede a moderna teoria da forma do diálogo, como também não é possível justificar uma tomada de posição na polêmica dos tuinguenses com Schleiermacher e seus seguidores. No momento,

⁸ Sobre a importância desses textos para a interpretação da Escola de Tübingen ver: G. REALE, *Para uma nova interpretação de Platão. Releitura da metafísica dos grandes diálogos a luz das “Doutrinas não-escritas”*. Trad. de M. Perine. São Paulo, Loyola, 1997, 55-74.

⁹ F. D. E. SCHLEIERMACHER, *Platon, Sämtliche Werke*, Berlin, 1818. No vol. I encontra-se a *Einleitung*, 5-36. Tradução brasileira: *Introdução aos Diálogos de Platão*. Trad. G. Otte. Revisão técnica e notas F. Rey Puente. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

quero apenas mostrar que na interpretação da Escola Platônica de Tübingen existe um nexu entre a compreensão de *suvggramma* como prosa literária em sentido geral e a crítica de Platão a todo tipo de escrito, da qual ele não exclui os seus próprios diálogos.

Segundo Thomas Szlezák, é ocioso perguntar se os diálogos de Platão estariam de algum modo excluídos do juízo crítico sobre a escrita expresso no final do *Fedro*¹⁰. Em primeiro lugar, por razões filológicas, porque, como demonstra a documentação, não é possível sustentar que para Platão um *suvggramma* designe uma exposição sistemática da filosofia, nos moldes de um tratado ou de um manual, ao qual ele teria contraposto o diálogo filosófico como a única forma de exposição escrita capaz de substituir o discurso vivo do filósofo. O uso dos termos relacionados ao campo semântico de *suvggramma*, na literatura anterior, contemporânea e posterior à obra escrita de Platão, bem como o seu uso na própria obra platônica, não autorizam essa exclusão.

Entretanto, a razão determinante é de caráter filosófico porque, na interpretação da Escola de Tübingen, a crítica do escrito na *Carta VII* e no *Fedro* só é plenamente compreensível se relacionada à concepção platônica do filósofo, da filosofia e do ensinamento da filosofia. É isso que se extrai da análise da complexidade dos temas e da estrutura unitária do *Fedro*¹¹.

Segundo Szlezak, o *Fedro* deve ser lido como um drama cujo objetivo, anunciado na oração de Sócrates a Eros, à qual Fedro se associa (257 A-B), é obter a adesão do jovem Fedro à vida filosófica (257 B). A prova do sucesso da ação é a oração de Sócrates a Pan no final do diálogo, à qual Fedro também se associa (279 B-C). A trama da ação visa subtrair Fedro, que demonstra uma confiança cega nos livros, à influência da educação livresca para conduzi-lo a um pensar autônomo. A libertação do livro se realiza mediante um discurso pessoal, de modo que conquistar Fedro para a filosofia é conquistá-lo para o filosofar oral¹².

O tema do diálogo é a arte de fazer discursos, e o eixo em torno do qual ele gira é a essência da filosofia, da qual aquela arte depende. O desenvolvimento do tema estabelece um nexu necessário entre Eros e discurso dialético: o primeiro sem o segundo é irracional, o segundo sem o primeiro é vazio. Segundo Reale, “o *Fedro* trata do Eros não só e não tanto porque

¹⁰ T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia*, 65.

¹¹ “La complessità dei temi del ‘Fedro’ e la sua struttura unitaria” é o título da longa Introdução de G. Reale à sua tradução e comentário do *Fedro*. Cf. PLATONE, *Fedro*. A cura di G. Reale. Texto critico di J. Burnet. Fondazione Lorenzo Valla, Milano, Arnoldo Mondadori Editore, 1998.

¹² Cf. T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia*, 73-75. Sobre a oração a Pan cf. K. GAISER, *L'oro della sapienza*, Sulla preghiera del filosofo a conclusione del “Fedro” di Platone. Introd. e trad. de G. Reale. Milano, Vita e Pensiero, 1995.

este era um dos temas dos retóricos, mas porque ele constitui uma dimensão essencial e irrenunciável da filosofia. Ademais, o *Fedro* trata da ‘alma’ por duas razões estreitamente conexas aos temas essenciais do diálogo, ou seja, porque a alma é um veículo de Eros, e porque a arte de fazer discursos visa persuadir as almas dos homens, que devem ser bem conhecidas para poder ser convencidas”¹³.

O *Fedro* começa com uma competição entre discursos: ao discurso escrito de Lísias, lido com entusiasmo por Fedro (230 E-234 C), Sócrates opõe dois discursos improvisados (237 B-241 D e 243 E-257B) sobre Eros, para responder à questão sobre quem é o melhor amante para um jovem: o que está apaixonado ou o que não está. Dado que o segundo discurso de Sócrates define Eros como o verdadeiro móvel da filosofia, então a investigação sobre o verdadeiro amante se converte na pesquisa sobre o verdadeiro filósofo.

Para Platão, discurso (λόγος) é tanto o discurso oral, improvisado ou preparado, monológico ou dialógico, como a sua *cópia* escrita. O valor de um discurso depende das regras da arte, mas o seu valor filosófico, além do domínio da retórica tradicional nos aspectos formais (266 D-269 C), exige o conhecimento da essência das coisas de que trata e da natureza das almas às quais se dirige (277 BC). Só o longo caminho da dialética (276 E 5) responde a essa dupla exigência. Portanto, é no quadro da fundamentação filosófica do discurso que Platão trata da conveniência (εὐπροσπεκία, 274 B 6) do uso da escrita para quem quer agradar aos deuses na arte de fazer discursos (259 E - 274 B).

Platão afirma a superioridade do discurso oral porque o escrito, além de não aumentar a sapiência e a memória dos homens (274 B - 275 D), de não contemplar aspectos fundamentais como a clareza e a completude da exposição (277 A - 278 B) e de apresentar-se como um jogo em comparação com a seriedade do discurso oral (276 b - 277 A), ele apresenta três limitações insuperáveis¹⁴:

1) O escrito dirige-se a todos, mesmo àqueles aos quais o seu conteúdo não convém; ele não escolhe seus leitores e não pode calar diante de alguns deles (275 E 2-3). Entretanto, a escolha do interlocutor em virtude da sua aptidão e a possibilidade de se calar diante dele constituem para Platão qualidades preponderantes da atividade filosófica (276 A 6-7, E 6).

2) O escrito diz sempre a mesma coisa e responde às questões do seu leitor repetindo a letra do texto já conhecido. Para Platão, que compara o escrito

¹³ Cf. G. REALE, Introduzione, in PLATONE, *Fedro*, XIX-XX.

¹⁴ Para este desenvolvimento e o anterior cf. T. A. SZLEZAK, *Le plaisir de lire Platon*. Trad. M.-D. Richard. Paris, Cerf, 1996, 64-75.

com as figuras sem vida dos quadros pintados (275 D 4-5), isso não constitui uma verdadeira comunicação e, portanto, um verdadeiro ensinamento.

3) O escrito é incapaz de se defender sozinho e, quando atacado, necessita a ajuda do seu autor (275 E 3-5). O discurso oral do dialético, que conhece as regras da retórica, a essência das coisas e a alma do seu interlocutor, é capaz de se socorrer a si mesmo e de transmitir ao discípulo a faculdade de levar socorro ao seu próprio discurso (276 E 5 - 277 A 3).

A crítica do escrito desemboca na concepção platônica do filósofo, da filosofia e do ensinamento da filosofia, uma vez que toda a trama do diálogo visava conquistar Fedro para a filosofia. O filósofo aqui é definido como o dialético, mestre da arte de fazer discursos, orais ou escritos, que escreve os melhores discursos para ajudar a memória dos que já sabem, mas filosofa oralmente quando se trata de ensinar, isto é, de escrever na alma do discípulo para acender nele a capacidade de gerar outros discursos da mesma qualidade. Portanto, diz Szlezák, “se aquilo que o ‘filósofo’ (filovsofoj) faz seriamente tem o nome de ‘filosofia’ (filosofiva), então, para Platão, ‘filosofia’ é o discurso oral, que leva ‘aquele que sabe’ a ‘ensinar’ a um ‘discípulo’ escolhido por ele”¹⁵.

Se é verdadeiro o desejo de converter-se nesse tipo de homem (278 B 5), Fedro precisa saber o que essa conversão implica. A resposta é dada pelo recado de Sócrates a Lísias e aos autores de discursos, a Homero e aos poetas, a Sólon e aos compositores de discursos políticos, numa palavra, a todos os autores de *obras escritas* (suvvggramma, 278 C 4): só quem compõe obras ciente de possuir a verdade e é capaz de socorrê-las com um discurso que vai além dos seus escritos merece o nome de filósofo, mas quem não possui nada de mais valioso (timíwvtera) do que os seus escritos deve ser chamado de poeta, escritor de discursos ou de leis. A característica positiva do dialético aos olhos de Platão é o fato de dispor de algo mais precioso do que sua expressão escrita.

Conclusão

Quais as implicações dessa definição do filósofo a partir da relação com seus escritos?

Dado que, para Platão, tornar-se filósofo exige uma metamorfose da alma (yucÁj periagwghv, *Rep.* 521 C 6; 518 D 4) que transforma toda a vida, e dado que só o filósofo tem a faculdade de apreender o real pelo conheci-

¹⁵ Cf. T. A. SZLEZAK, *Platone e la scrittura della filosofia*, 65.

mento das Idéias, então ser filósofo não pode depender de uma disposição variável. Decorre daí que o filósofo dispõe sempre de *coisas de maior valor* do que as que ele confia aos escritos, não podendo nunca ser rebaixado à categoria dos poetas ou dos logógrafos. Como o agricultor sábio, o filósofo não confia o que há de mais valioso no seu ensinamento ao escrito, não pelo fato de poder escrever sempre mais sobre as coisas de maior valor, pois a dialética conduz a um princípio anipotético e a um “fim da viagem” (tevloj tÁj poreivaj, *Rep.*, 532 E 3) para o dialético¹⁶, mas porque só o discurso oral, praticado em muitas discussões e na prolongada comunhão de vida, pode fazer brotar a semente da filosofia na alma do discípulo, “como luz que se acende de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha” (*Carta VII*, 341 C-D). O pedido de Fedro para unir-se a Sócrates na oração final a Pan, posto que as coisas dos amigos devem ser comuns, prova que ele foi resgatado da influência da educação livresca e conquistado pelo discurso vivo à filosofia oral.

Endereço do Autor:

R. Gregório Serrão, 419

04106-040 – São Paulo – SP

Email: m.perine@ig.com.br

¹⁶ Cf. T. A. SZLEZAK, *Le plaisir de lire Platon*, 78-80.